



## **Estilo e Temporalidades na Escrita de Oswaldo Lamartine de Faria: Em Busca do Tempo Perdido no Seridó Potiguar**

Evandro Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir o estilo e a temporalidades construídas e contrapostas na produção do memorialista potiguar Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007). Conhecido por suas diversas e variadas publicações dedicadas à história e ao folclore de um recorte específico do sertão do Rio Grande do Norte, conhecido como Seridó, através da utilização de recursos estilísticos e escolhas narrativas, relata não apenas o passado da região, mas recria uma dimensão específica de sua história, aquela da presença que advém da oralidade. Uma das conclusões apontadas diz respeito à marca da autobiografia e o trabalho de memória com o intuito de operar com a história seridoense e criar um vínculo com os possíveis leitores das obras. A análise dos títulos é feita em confronto com entrevistas concedidas pelo memorialista. De modo geral, o artigo defende que a história apreendida pela dimensão do passado natural e, portanto, caracterizada pela presença, favorece o alargamento da concepção do passado atribuído ao Seridó potiguar e seus usos políticos e culturais nem sempre evidentes.

**Palavras-Chave:** Estilo na Memória. Tempo e História. Oswaldo Lamartine de Faria.

### **Style and Temporalities in Oswaldo Lamartine de Faria's Writing: In Search of Lost Time in Seridó in Rio Grande do Norte**

**Abstract:** This article aims to discuss the style and temporality built and opposed in the production of the potiguar memorialist Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007). Known for his diverse and varied publications dedicated to the history and folklore of a specific cut of the backwoods of Rio Grande do Norte, known as Seridó, through the use of stylistic resources and narrative choices, he reports not only the past of the region, but recreates a specific dimension of its history, that of the presence that comes from orality. One of the conclusions mentioned concerns the brand of autobiography and memory work in order to work with Seridó history and create a link with the possible readers of the works. The analysis of the titles is done in comparison with interviews granted by the memorialist. In general, the article argues that the history apprehended by the dimension of the natural past and, therefore, characterized by the presence, favors the extension of the past conception attributed to Seridó potiguar and its political and cultural uses not always evident.

**Keywords:** Style in Memory. Time and History. Oswaldo Lamartine de Faria.

### **Introdução**

O historiador, antes de tudo, foi um homem de viagem e de exílio: Heródoto, exilado de Halicarnasso; Tucídides, exilado de Atenas; Políbio em exílio em Roma; Flávio Josefo, cujo próprio nome revela a

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto de Teoria da História no Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/UFRN). Esta pesquisa recebeu o apoio do Programa de Acompanhamento, Avaliação e Fomento para Excelência na Pesquisa e Pós-Graduação da UFRN/PPG/PROPESQ.



dupla vinculação; sem contar alguns exilados no próprio interior, como Salústio. Ele é também, muitas vezes, um vencido. De sua experiência de derrota consegue tirar uma história que não é crua e simplesmente a dos vencedores (HARTOG, 2001, p. 19).

Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007) é considerado um dos maiores estudiosos do sertão. Entretanto, ele nasceu em Natal, capital litorânea do Estado do Rio Grande do Norte<sup>2</sup>. Mais que apenas tal reconhecimento, Lamartine construiu uma obra que necessariamente gira em torno do mundo sertanejo, ainda que tenha sido um homem cosmopolita, tendo vivido em muitos lugares. De Natal foi para Recife, morou no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Maranhão, em Fortaleza e em diferentes cidades do interior potiguar.

Lamartine, por formação, estudou na Escola Superior de Agricultura de Lavras/MG, escolheu interessar-se pelo mundo rural. Escreveu durante a maior parte de sua vida sobre experiências ligadas a esse espaço. O Seridó, região interestadual (entre o sertão potiguar e paraibano) formada por cinquenta e quatro municípios, é seu recorte privilegiado. Como ele afirmava, ao responder indagação colocada pelo amigo e poeta Virgílio Nunes Maia acerca dos limites geográficos de tal espaço, “cada vivente tem o seu sertão”, logo, o escolhido por Oswaldo Lamartine estava plenamente definido (CAMPOS, 2001, p. 13).

Nesse horizonte, a ideia de que o recorte que definiria as terras sertanejas é fluido e depende de olhar particular casa-se com a própria configuração de identidade seridoense, muitas vezes, traço preponderante frente às identidades regional e nacional. O Seridó, como qualquer outro recorte que envolva categorias como nação, região, local, entre outros, também depende de uma reafirmação particular, que torne “evidente” o que se trata de uma construção. Uma das melhores críticas historiográficas no que diz respeito aos cuidados necessários no trabalho com tais categorias é a de Durval Muniz de Albuquerque Júnior: “o nacional e o regional não são critérios de validação de uma produção historiográfica, não são referências pertinentes para fundar uma epistemologia” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 39). De fato, as chamadas identidades coletivas, em geral, não costumam resistir à crítica dos historiadores.

No entanto, o Seridó já existia, como discurso de poder, de maneira significativa quando Lamartine passa a dizê-lo a partir dos anos 1950. O estudo seminal para a compreensão desse

---

<sup>2</sup> Para um estudo biográfico sobre o autor ver a recente tese de doutorado de Marize Lima de Castro, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CASTRO, 2015).



processo, que começa no século XVII, é o de Muirakytan Kennedy de Macêdo (2012). A conversão de características culturais específicas de determinado lugar em uma identidade geral e abstrata que simplifica a imensa diversidade de experiências já havia ocorrido. O Seridó, como identidade, foi uma escolha para o autor que aqui se busca explorar a obra (lembrando que as categorias “autor” e “obra” também merecem crítica). Afinal, como todo sertão tal qual definido por Lamartine, toda identidade é, em si, escolha, variando, contudo, o nível de consciência e de liberdade sobre tal preferência. Importa, enfim, a este estudo fazer a crítica da história regional por um caminho um pouco diverso, atentando às concepções de história e de memória presentes nos escritos de Lamartine.

Cabe avançar no sentido da verificação de algumas estratégias narrativas construídas na obra em questão e indagar quais as suas relações com a história. O ponto de partida colocado neste artigo justifica-se nas discussões recentes acerca da importância do diálogo e da análise das produções históricas não acadêmicas, sobretudo, mais próximas das dimensões públicas deste saber e, por isso, significativas de determinada cultura histórica.

### **O Estilo na História**

O estilo de escrita de Lamartine é calcado na memória e na autobiografia<sup>3</sup>. Apesar de alguns textos mais técnicos, próprios de um estudioso de temas agrônômicos, o que sustenta sua curiosidade em escrever é, em grande parte, o interesse por um passado supostamente perdido, seja ele natural ou cultural. A história está, aqui e acolá, mas seus textos desencadeiam forte carga afetiva e descrições imagéticas que parecem guiar o autor e, por conseguinte, o leitor a partir de memórias das paisagens dos sertões do Seridó.

Percebe-se, em primeiro lugar, a descrição das imagens sertanejas carregadas da presença do autor, esta demarcada pela descrição do espaço. Esta descrição particular a partir da memória coaduna-se com a tradição genealógica na qual Lamartine é reconhecido por quase todos os estudiosos de sua obra. Olívia Moraes de Medeiros Neta, por exemplo, afirma, em sua dissertação de mestrado, que o autor é o quarto nome da dinastia de estudiosos de origem seridoense que ajudaram a fundamentar historicamente tal identidade espacial e humana. Antes dele vieram, nesta formação discursiva: Manoel Dantas, José Augusto Bezerra de Medeiros e, ainda, seu pai, Juvenal Lamartine (MEDEIROS NETA, 2007, p. 15). Reafirmando a dependência no que se refere à

---

<sup>3</sup> Embora Oswaldo Lamartine tenha dito, em entrevista, que a autobiografia não tenha sido intenção consciente ao escrever suas obras (CAMPOS, 2001, p. 78).



repetição deste enredo como fundamento para o recorte regional e cultural do Seridó, diz a historiadora:

O desejo e as cartografias sobre o Seridó de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine vão se desenhando ao mesmo tempo em que os territórios vão tomando corpo em suas obras, e um não existe sem o outro, e assim a produção do desejo é ao mesmo tempo material, simbólica e social. O desejo de dizer *Seridó* está vinculado à configuração subjetiva do espaço enquanto lugar praticado (MEDEIROS NETA, 2007, p. 43).

No nível do desejo, tem-se a afirmação autobiográfica, o que, no caso de Lamartine, torna-se em parte paradoxal, tendo em vista sua restrita experiência no espaço sertanejo por ele tornado tema central. O autor é, antes de qualquer outra definição, um testemunho vivo das mudanças no sertão. As relações dos historiadores com a figura da testemunha tem sua própria história e não é pertinente neste momento rediscuti-la. Porém, o que se quer chamar a atenção é à importância dessa dimensão testemunhal emprestada por Lamartine ao seu texto. As experiências aparecem quase sempre como em risco de extinção. Nesse caso, escrever torna-se resistência parcial e a imaginação é permitida. Ele escreve, por exemplo, em *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*, título sobre o uso e marcação do ferro na pecuária potiguar:

E naqueles tempos os rastros do homem e do gado cresciam pelos chãos das terras sem fronteiras. Era o quebra-da-barras do criatório, onde essa ou aquela tribo, grupo ou família, aqui ou acolá, é bem fatível ter esbarrado com um animal de marca desconhecida deles. E até adonde iam o direito ou o respeito pelo alheio não sabemos. Mas é de se imaginar as muitas pendengas daí principiadas. Cortamos rastro pelos papéis dos que escreveram sobre o princípio das coisas, mas o tempo apagou o rastro ou turbou a nossa vista (FARIA, 1984, p. 41).

O que se tem de mais sólido, ao final, é o diálogo direto com o testemunho do autor. Neste sentido, como percurso escolhido para nos levar à questão do estilo, encaminhamos de passagem a ligação entre autobiografia e verdade para o indivíduo moderno por meio do exame de Angela de Castro Gomes (2004, p. 13-14): “a verdade passa a incorporar um vínculo direto com a subjetividade/profundidade desse indivíduo, exprimindo-se na categoria sinceridade e ganhando, ela mesma, uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos”.

Ao tratar especificamente da relação dos historiadores com o testemunho, em perspectiva mais ampla, Paul Ricoeur (2007, p. 170) sublinha o seguinte: “além disso, no próprio interior da esfera histórica o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos, ele ressurgue no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens”.



O emprego do testemunho autobiográfico no diálogo com os textos do passado e outros registros técnicos, estatísticos e literários é central para o bom funcionamento da argumentação de Lamartine. Mesmo afastado, exilado do sertão, ele quer lembrar, quer historiar sobre uma geografia que, na prática, pouco frequentava (o sertão do Seridó) a partir de uma leitura não muito diferente daquela proposta pela etnografia, o que é mesmo uma característica exaltada das histórias regional e local (JOÃO, 2011-2014, p. 1). Sendo o esforço pela definição de uma identidade determinada, a sertaneja, em si fluida, a tentativa de definições geográficas e culturais é primeira necessidade. Ademais, trata-se de um estilo narrativo.

Peter Gay (1990, p. 167-196)<sup>4</sup>, em seu conhecido estudo sobre a questão do estilo na história, sintetiza a discussão e, inclusive, a resistência à referida temática através do debate lançado no século XIX, qual seja, a dicotomia na definição da história entre ciência e arte. O meio utilizado por Lamartine para criar a comunicação com seus leitores é demarcado por seu estilo, em textos que dialogam com a historiografia e com a memória, sem abrir mão da autobiografia e da oralidade, podendo assim concretizar resumidamente o que esperamos do estilo: “há que dar informação e prazer” (GAY, 1990, p. 20). Além disso, a investigação do estilo é central à compreensão da produção de Lamartine. É de seu estilo que emergem as leituras possíveis de sua obra e sua própria experiência como escritor. Não é sem razão que os poucos trabalhos existentes sobre sua obra partam da identidade pessoal do autor para problematizar seu tema preferido, o Seridó (MEDEIROS NETA, 2007; SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2013; CASTRO, 2015)<sup>5</sup>.

Como se pode depreender das ideias supracitadas, o estilo, de modo geral, e a autobiografia, em particular, ocupam lugar de destaque na construção da história como discurso com pretensão à verdade. Os trabalhos de Lamartine não são de um historiador de formação, mas, tampouco, podem ser lidos como ficção. O formato privilegiado é o ensaio, o que garante certa liberdade de exposição.<sup>6</sup> Contudo, o autor nos fala de um passado que, nas suas palavras, é apresentado como real e verdadeiro, em vias de desaparecimento. Contra essa retórica da perda o

---

<sup>4</sup> O referido debate aparece em diversos textos fundadores da historiografia desde o século XIX. Está presente em Humboldt, Ranke, Coulanges e muitos outros nomes importantes. Para uma seleção de alguns dentre estes importantes escritos ver Martins (2010).

<sup>5</sup> Merece menção, ainda, a dissertação de mestrado de Daniel de Hollanda Cavalcanti Piñeiro, intitulada *Multiplicando Veredas entre Guimarães Rosa e Oswaldo Lamartine*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014).

<sup>6</sup> Acerca do ensaio como gênero literário e, especialmente, histórico ver o excelente estudo de Fernando Nicolazzi a partir da obra de Gilberto Freyre (NICOLAZZI, 2011, p. 373-447).



autor faz uso de diversas estratégias para a retenção do que é visto como passado. Uma delas, muito marcante, é a escrita que utiliza o vocabulário popular e as expressões particulares da região sertaneja. Desde *A Caça nos Sertões do Seridó* (1961) essa prática era comum, a ponto de notas de rodapé explicativas serem constantemente incorporadas ao texto, o que constituía um intencional glossário que compunha a reconstituição do passado, para além de mera atualização. Assim, o indígena é denominado “caboclo brabo” e a cabeça é chamada “quengo” (FARIA, 1961, p. 9).

A palavra calendário aparece grafada com “K”, seguido da explicação: “nos tradicionais A. B. C. (poesia popular mnemônica narrativa) a estrofe que se iniciava com a letra ‘K’ o fazia, sempre com a palavra ‘Kalendário’, assim grafada” (FARIA, 1961, p. 23). No mesmo ano de edição da obra ora referida, o próprio Lamartine escreveu um A.B.C. da Pescaria de Açudes no Seridó (FARIA, 1961). Ou seja, o autor quer fazer (e fazer compreender) a cultura oral vertida, por ele, à escrita, na medida em que tanto produz como explica os sentidos dessa produção aos possíveis leitores. Em *Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó* vê-se o seguinte:

No falar sertanejo... donde satanáas perdeu as esporas, quer dizer um lugar indesejável, longínquo, oco do mundo. E quando os mais velhos chamavam alguém de *espora quebrada* era com o significado de não merecer fé, pessoa cuja palavra era que nem um risco nágua, homem sem merecimento. E isso é dizer de coisa dos antigos pois tem bem uns mil anos, de vez que parece ter sido ainda herdada dos heroicos tempos da cavalaria (século IX a XV), quando a degradação do cavaleiro era feita pela destruição de suas armas e o corte das esporas. A cerimônia envolvia uma certa pompa fúnebre: em praça pública, no pátio de um castelo ou em outro qualquer lugar dos mais apropriados, os pares se reuniam para a exautoração. Ali mesmo o cavaleiro desleal era desarmado e tinha suas armas e esporas quebradas (FARIA, 1969, p. 33).

É seguro afirmar que a forma encontrada pelo autor para manter-se “dentro” do sertão, à revelia de seu exílio, foi a escrita. Confirma-se tal aspecto ao ler outra parte de sua entrevista organizada por Natércia Campos, em resposta em que explica de onde teria vindo seu estilo de escrita:

Quanto a esse meu jeito de rabiscar papéis talvez tenha nascido da saudade. E explico: vivi anos longe dos chãos sertanejos embora os visitasse frequentemente nas férias. E no “exílio” a minha leitura de maior agrado era literatura regional. Nela o reencontro com a nossa fala me acalentava. Muitas vezes chegava a copiar palavras ou expressões nossas já apagadas na memória, como um enamorado a reler a correspondência da mulher amada. Talvez, inconscientemente, isso tenha me contagiado. Bendita gálica [...] (CAMPOS, 2001, p. 65).

O sertão perdido seria, pois, resguardado nos textos ensaísticos que preservariam a memória. As invasões frequentes do tempo presente que olha, desesperançado, para o passado são



registros de uma presença individual que não se furta em aparecer na narrativa: o próprio Oswaldo Lamartine.

### **Tempo e Narrativa**

Não deixa de ser um modo especial de narrar. Talvez seja o momento de se buscar ultrapassar a imagem que Lamartine criou para si, aquela que o coloca na dinastia dos historiadores do Seridó, e observar com atenção as temporalidades justapostas em suas narrativas. Entre os já citados *A Caça nos Sertões do Seridó* e *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*, foram mais de vinte anos de produção sobre este recorte do território potiguar. Considerando-se as marcas de seu estilo, memória e autobiografia, uma severa crítica à modernidade é realizada, ainda que o recorte temporal dessa crítica seja estabelecido pelo tempo de vida do autor. O mundo era melhor no passado, como também o era no interior. A vida urbana, apesar de ter sido a vida escolhida por Lamartine, não ficava isenta de seu olhar pessimista em relação à mudança. Não são poucos os registros desse olhar. Natércia Campos indagou-o, em entrevista, sobre o que achava do mundo, em 2001. Segue a resposta:

E adianta achar? É isso mesmo. Está tudo diferente. A gente não pode querer que ele esbarre. Compensa estar cada dia mais mouco e de vista mais curta para não assistir essa terraplanagem cultural. Sua Magestade a eletrônica, o laser e o genoma estão virando tudo pelo avesso. Parece que, se demoro mais por aqui, vou terminar em um museu. O mundo foi e sempre será assim. Modéstia à parte vim de tempos mais silenciosos, simples e tranquilos. Lembro que os de minha geração ainda ouviram Catulo poetar: E demos um pouco de trégua/A tanta coisa estrangeira/Qu'essa terra brasileira/Tem muito, e muito que dar (CAMPOS, 2001, p. 30).

Quando questionado pelo amigo Carlos Newton Junior, na mesma obra, sobre suas impressões relativas à cidade de Natal, à época da entrevista e em retrospectiva, a leitura é bastante próxima:

A saudade é trançada com os fios de cabelos brancos. Daí o meu desencanto desse Natal estrangeiro. O mesmo vocês vão dizer daqui a 60 anos – é o pedágio da saudade. [...] A gente não renegava o chão. Morava-se melhor – em casas com quintais. E menino que teve infância em quintais, com mangueiras e cachorros, dispensa divã de analista. Vocês podem dizer que em apartamento também pode se criar cachorro, e eu acrescento: só dois bichos, incluindo o homem, podem ser criados em apartamento sem ficar neuróticos – barata e peixe de aquário. Não esqueçam. Vocês que se deixaram seduzir por essa arquitetura de maribondo, uns sobre os outros. Vocês aí do último andar. Vocês que fizeram do Potengi, onde se pescava tainha, essa cloaca fétida e nojenta. Vocês que cortaram mangueiras para construir essas chocadeiras climatizadas. Vocês que emporcalharam os horizontes da capital nordestina de mais bela topografia. Lembrem-se do velho Braga em *Ai de ti, Copacabana* – pois em verdade e tarde para a prece [...] E ela, Copacabana, não é



construída sobre fenda geológica ativa – como afirmam os geólogos (CAMPOS, 2001 p. 33-34)<sup>7</sup>.

Na mesma sequência, Ariano Suassuna o questiona: “Tendo, como a maioria de nós, a formação ambígua, Vmc. é mais urbano ou mais rural?”. Segue a resposta:

Vivi um bom pedaço de vida no asfalto mas sempre me escapulindo para o sertão. Por mais impermeável que a gente seja sempre se lambuza. Mesmo assim sou, pra que negar, um bicho-do-mato. Daí ter ficado assim marginal que nem prostituta que deixou a zona – nem a sociedade a recebeu e nem a zona a quis de volta (CAMPOS, 2001, p. 38-39).

Não era apenas a tecnologia, suas inovações sociais, e a urbanização os focos da crítica de Lamartine. Instigado pela amiga Rachel de Queiroz, na mesma entrevista coletiva, que comenta ter visto uma vaquejada pela televisão sem vaqueiros encourados, diz o autor de *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*: “os vaqueiros dessas ‘vaquejadas’ trajam liforme de caubói – das botas aos chapéus texanos – e não mais se ganha coragem com cachaça – agora é com o uísque...” (CAMPOS, 2001, p. 48)<sup>8</sup>. A crítica do entrevistado se voltava constantemente contra a influência cultural dos Estados Unidos no Brasil. O autor se dizia alheio ao mundo tal como ele era representado em seu tempo. Percebia-se estranho ao seu próprio tempo, no início do século XXI (e não parece ter sido diferente anteriormente): “sobrevivo como um bicho exótico protegido pelo IBAMA” (CAMPOS, 2001, p. 83).

As entrevistas e correspondências de Lamartine (como é de se imaginar tendo em vista seu estilo) são ricos materiais à apreensão de seus escritos. A criação de um Seridó “do passado” a partir das memórias muitas vezes emprestadas de conversas com amigos que viviam no sertão e com seu pai, Juvenal Lamartine, parece ter sido uma espécie de projeto literário que articulou recursos narrativos e conhecimento histórico. O exame de tais articulações possui longo percurso nas últimas décadas, mas continua sendo fundamental aos estudos de história intelectual (REVEL, 1995). Esse projeto literário tem no estilo recurso principal ao esclarecimento das ideias e do interesse do autor pelos assuntos que trata.

De certa forma, pode-se dizer que o passado que Lamartine quer chamar à atenção é, muitas vezes, explicado pelas mudanças culturais do mundo moderno (que atingem também o sertão, como já verificado na análise de suas correspondências e entrevistas) e, sobretudo, pelas

---

<sup>7</sup> As impressões de Oswaldo Lamartine sobre Natal já eram saudosistas em 1961, quando do lançamento de seu livro *A Caça nos Sertões do Seridó* (MELO, 1995, p. 30).

<sup>8</sup> É importante ressaltar que esta entrevista coletiva organizada e publicada por Natércia Campos é composta por perguntas sempre relacionadas à vida e à obra de Oswaldo Lamartine. Neste ponto, por exemplo, é subliminar a referência ao livro *Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó* (1969).



transformações que a humanidade provoca na natureza. Esse aspecto é marcante em toda a sua produção, mesmo as mais técnicas. Como exemplo, *Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó* (1964) constitui denúncia contra as intervenções humanas que causaram o desaparecimento dos referidos insetos no espaço sertanejo. No subitem “O Sertão sem Mel”, escreve o estudioso:

É de se imaginar que um minucioso estudo dos hábitos das nossas abelhas silvestres, relacionado com a rarefação da flora nectarífera e das essências onde mais nidificam, ofereça melhor resposta à extinção de algumas espécies ou até mesmo a proliferação de outras, como o arapuá. A grosso modo, o que podemos concluir é que o gume do machado abrindo claros cada ano maiores na rala vegetação nativa promoveu o desequilíbrio biológico fazendo minguar as condições de sobrevivência da fauna apícola (FARIA, 2004, p. 13).

A mesma crítica aparece em diversas outras passagens de sua obra, como, por exemplo, em *E Adonde era Sombra se fez Sol, E Adonde era Solo se fez Chão*, escrito em 1969: “e se querem saber dos desaparecidos bichos que por aqui vagavam, basta lembrar o sobejo dos seus nomes na geografia papajerimum” – e segue-se lista de nomes de localidades potiguares como Lagoa da Capivara, Morro dos Macacos, Riacho da Onça (FARIA, 1987).

O jogo de temporalidades criado pelas narrativas de Lamartine acaba por construir uma dimensão importante para o tempo histórico, mesmo que a memória seja seu recurso preponderante. A história é muitas vezes apropriada como estudo do passado natural. É como se o autor buscasse dotar a natureza de um estatuto histórico, que a interferência humana viria a corromper no processo. Tempo humano e tempo da natureza acabam conciliados. Este aspecto da obra de Lamartine seguramente merece exame aprofundado.

### **Produção de Presença e Usos do Passado**

O estilo adotado em uma narrativa raramente é gratuito. A forma como se conta uma história possui uma marca moral que faz de toda história, verdadeira ou verossímil, portadora de projetos (WHITE, 2008, p. 434)<sup>9</sup>. A forma como o folclore e as chamadas tradições sertanejas são explorados e descritos por Lamartine em suas obras cria o efeito de um passadismo que muitas vezes pode ser lido como puro niilismo. E tal leitura não seria um equívoco. Ademais, creio que a maneira como ele se posicionava dentro de sua narrativa – prática recorrente e marcante – acabava por emprestar certa vivacidade ao passado.

---

<sup>9</sup> A breve reflexão aqui desenvolvida sobre o estilo ficaria incompleta sem a menção à polêmica e já clássica obra de Hayden White, *Meta-história*. Os argumentos apresentados pelo historiador, sobremaneira, sua leitura acerca da íntima ligação entre as filosofias da história e as formas desenvolvidas pelos historiadores ao longo do século XIX são determinantes para as investigações que tenho tentado realizar em todas as frentes de trabalho a que me dedico no momento.



Essa característica que (salvo o interesse dos que nascem e vivem nos espaços denominados como sertões) resiste quase que exclusivamente nos discursos políticos locais e nas práticas culturais dos sertanejos, é expandida nas tentativas de preservação cultural e natural em Lamartine. O próprio estilo poético, as diversas citações de trechos de cordéis e expressões populares, o recurso às memórias da infância e o jogo de contrastes entre o passado (natural e autêntico, ainda que histórico) e o presente (artificial e falseado, quase ahistórico) fazem do autor um personagem de sua própria obra, para além da voz de narrador.

Minha hipótese é a de que os usos da história levados a cabo por Lamartine oferecem um passado prolongado às experiências ainda presentes na (e algumas recentes da) cultura sobre a qual fala, apesar de, como em quaisquer experiências culturais modernas, os registros por ele pontuados e descritos pareçam esmaecidos por transformações. Penso que uma forma de ler Lamartine, que não era historiador de formação, mas operava com o conhecimento histórico e procurava um público leitor mais amplo (aqui o argumento para tal afirmativa é o estilo), possa partir das ideias trazidas, entre outros, por Hans Ulrich Gumbrecht. O historiador tem desenvolvido nos últimos anos interessante discussão acerca da suposta dicotomia entre as categorias sentido e presença, tema destacado na celeuma da chamada crise da representação (BANN, 1994).

Não é momento nem intenção de se reconstituir toda a argumentação de Gumbrecht acerca de uma cultura da presença, desenvolvida em diversos artigos e expandido em frentes igualmente múltiplas. Remeto apenas à obra *Produção de Presença*, publicada originalmente em 2004 e vertida para o português em 2010, no Brasil. Nesta obra, o que se sobressai é a crítica ao predomínio acachapante da hermenêutica frente a quaisquer outros recursos teóricos de análise apropriados pelas Humanidades. Gumbrecht reconstituiu sua própria formação e, a partir dessa análise (também autobiográfica), propõe alternativas ao predomínio da interpretação, do construtivismo e do que chama de metafísica. O que a rigor parece confrontar fortemente a problemática das temporalidades – ao menos dentro de uma lógica moderna de se operar com a hermenêutica – acaba por incentivar novas reflexões sobre o assunto. Já na abertura do livro é exposta a conceituação do que vem a ser a produção de presença:

A palavra “presença” não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa “presente” deve ser tangível por mãos humanas – o que implica inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos. Assim, uso “produção” no sentido de sua raiz etimológica (do latim *producere*), que se refere ao ato de “trazer para diante” um objeto no espaço. Aqui, a palavra “produção” não está associada à fabricação de artefatos ou de



material industrial. Por isso, “produção de presença” aponta para todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos “presentes” sobre corpos humanos (GUMBRECHT, 2010, p. 13).

A estratégia de relacionamento com o passado elaborada por Oswaldo Lamartine, em alguma medida, opera no mesmo sentido da proposta conceitual acima descrita. Embora envolto em uma cultura de sentido, própria do mundo moderno, com sua presença na obra e através dos meios pelos quais efetua a mediação do passado com o presente, quase sempre partindo de elementos da natureza, Lamartine, de fato, cria efeitos de presença. Dito de outra forma, ao relacionar história e natureza, sua narrativa é capaz de sublimar o sentido – embora ofereça uma temporalidade (passadista) – e elevar o próprio presente como elemento estruturante de seu texto.

A eternidade da natureza, mesmo quando ameaçada pela ação humana, ainda constitui recurso capaz de criar um ponto de apoio que ampare com referências compartilhadas as trocas humanas. Os sertões do Seridó por ele criados são sustentados pelo passado histórico, mas esse passado é aproximado por uma natureza que, embora em transformação pela mão humana, está lá. Estar ao lado da natureza é uma saída para se resistir a um tempo generalista e preservar um espaço particular.

Como resolver o aparente paradoxo entre um Oswaldo Lamartine de Faria passadista e, ao mesmo tempo, presentista? Não se trata de um jogo de palavras, mas de se explorar as possibilidades de um autor do século XX, que se interessou pelo sertão, mas estava ciente de tudo o que se passava, pois acompanhou as mudanças em seu país e em escalas mais amplas a partir de diferentes espaços. É refletir sobre os usos do passado, tema quente aos historiadores atuais, mediante uma fonte privilegiada (VARELLA, 2012).

Como bem pontua Verena Alberti, se não é possível distanciarmos a história da perspectiva hermenêutica, há que repensarmos essa relação. Quem pode nos ajudar, traz a historiadora, com quem estou de acordo, é Reinhart Koselleck: “o terreno não hermenêutico da história de que fala Koselleck remete a processos que não estão contidos em nenhum texto enquanto tal, mas antes provocam textos” (ALBERTI, 2011, p. 68-70). O passado, em Lamartine, denuncia o presente, vai além da saudade. Particularmente, desconfio de uma leitura de sua obra calcada neste sentimento, embora, à primeira vista, tal aspecto pareça evidente. A saudade não o fez voltar para o Seridó de seus pais. Permaneceu distante. Talvez a distância o tenha feito ver melhor o próprio sertão, ao seu próprio modo.



## Considerações Finais

O historiador antigo, conforme François Hartog, no excerto que serve de epígrafe a esse artigo, era um viajante e um exilado, no mais das vezes. O historiador moderno segue um viajante, mas já não parece um exilado. A construção dos nacionalismos, fenômeno totalmente aderente à formulação da história como disciplina, passou a enquadrar os historiadores em suas próprias origens (GUIMARÃES, 2000). Quase um impeditivo: a complexidade do mundo ameaça as leituras distanciadas. A própria história dos historiadores criou tantos limites que por pouco não se descolou do mundo que pretende compreender e explicar e, mais grave, transformar. A “descoberta” de um mundo “global” parece ter dificultado esta última pretensão.

Lamartine foi, por muitas vezes, um viajante, mas foi, sobretudo, um exilado. Ele viu seu lugar de origem de fora e comprometeu-se com ele. Tomou para si um projeto narrativo que, embora centrado na memória e na tradição, abordou constantemente um sertão em transformação. Ele falou da mudança, não da permanência. O sertão de Lamartine está em permanente processo de extinção. É o olhar do exilado. Ele tem a sensação de que está perdendo algo, algo de sua identidade. O vazio de pertencimento provocado pelo exílio ressaltava, aos seus olhos, a diferença entre o sertão de sua infância, o sertão que ouvia dos sertanejos, o sertão de seu pai, Juvenal Lamartine.

Como fica claro em suas entrevistas, ele sabia que já não pertencia ao sertão, embora também não possuísse grande identificação com quaisquer das cidades aonde veio a viver. Oswaldo Lamartine foi um exilado. Também foi um vencido. Suas expectativas em relação ao mundo foram, pouco a pouco, desenganadas, sem qualquer justiça (BEVERNAGE, 2008). O sertão não para de mudar. O mesmo ocorre com as cidades. Como um Proust sertanejo, passou a vida em busca do tempo perdido e fez disso obra. Não parece ter encontrado identidade alguma, o que não me soa de todo mal.

## Referências

ALBERTI, Verena. Entre as madalenas de Proust e o riso sob o guarda-chuva de Bataille: breve reflexão sobre a relação entre história e hermenêutica. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira et al. (Orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.



- ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **Pelas memórias de Oswaldo Lamartine: artes de fazer nos Sertões do Seridó**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Departamento de História do Centro de Ensino Superior do Seridó, Caicó/RN, 2013.
- BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Unesp, 1994.
- BEVERNAGE, Berber. Time, presence, and historical injustice. **History and Theory**, n. 47, may 2008. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1468-2303.2008.00444.x>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- CAMPOS, Natércia (Org.). **Em Alpendres d’Acauã**. Fortaleza: Imprensa Univesitária/UFC, 2001.
- CASTRO, Marize Lima. **Areia sobre os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria**. 2015. 171f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem e Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19887/1/MarizeLimaDeCastro\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/19887/1/MarizeLimaDeCastro_TESE.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **A caça nos sertões do Seridó**. Natal: Sebo Vermelho, 2014.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **A. B. C. da pescaria de açudes no Seridó** (1961). Natal: Sebo Vermelho Edições (edição fac-similar), 2015.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Sebo Vermelho, 2005.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **E adonde era sombra se fez sol. E adonde era solo se fez chão...** Coleção Mossoroense, Série B, número 440, 1987.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **Encoramento e arreios do vaqueiro no Seridó** (1969). Natal: Sebo Vermelho Edições (edição fac-similar), 2016.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte** (1984). Natal: Sebo Vermelho Edições (edição fac-similar), 2009.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **Os açudes dos sertões do Seridó** (1978). Natal: Sebo Vermelho Edições (edição fac-similar), 2012.
- FARIA, Oswaldo Lamartine. **Sertões do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1980.
- FARIA, Oswaldo Lamartine; LAMARTINE, Hypérides. **Algumas abelhas dos sertões do Seridó** (Notas de carregação). Natal: Sebo Vermelho Edições, 2004.
- GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GOSSMAN, Lionel. The rationality of history. **Between History and Literature**. New Jersey: First Replica Books, 2001.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido. **História em Revista**, Pelotas, v. 6, dez. 2000. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/06.-Manoel\\_Luiz\\_Salgado\\_Guimaraes.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/06.-Manoel_Luiz_Salgado_Guimaraes.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2017.



- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto : Editora PUC/Rio, 2010.
- HARTOG, François. **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- JOÃO, Maria Isabel. Verbete: História Regional. In: **Dicionário de historiadores portugueses** (2011-2014). Disponível em: <[http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas\\_hist\\_reg\\_local.htm](http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas_hist_reg_local.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **A história pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEDEIROS NETA, Olívia Morais. **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16991>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- MELO, Veríssimo. **Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal: Fundação José Augusto, 1995.
- NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história**: a viagem, a memória, o ensaio sobre Casa Grande & Senzala e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PIÑERO, Daniel de Hollanda Cavalcanti. **Multiplicando veredas entre Guimarães Rosa e Oswaldo Lamartine**. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado Linguística Aplicada e Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16341>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- REVEL, Jacques. Ressources narratives et connaissance historique. **Enquête**, 1, premier semestre, 1995. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/enquete/262>>. Acesso em: 16 abr. 2017.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, Wesley. **Seridó X Oswaldo Lamartine**: uma historiografia regional. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em História) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Caicó/RN, 2007.
- VARELLA, Flávia et al. (Orgs.). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.